

Ana Braga, da Acesso Cultura, defendeu ontem, no Teatro Baltazar Dias, uma maior humanização do setor cultural

Cultura com gente dentro

EM DEBATE

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Jornada Acesso Cultura incidiu sobre o tema ‘Além do físico. Reflexão sobre barreiras à participação cultural’.



Iniciativa é da Associação Acesso Cultura, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, e percorre todas as comunidades intermunicipais do País.

No Teatro Municipal Baltazar Dias, a semana arrancou com um tema forte, trazido pela Associação Acesso Cultura, no âmbito das conhecidas jornadas intermunicipais, que decorrem em todo o País. ‘Além do físico. Reflexão sobre barreiras à participação cultural’ foi a temática abordada por Ana Braga, da Acesso Cultura, no foyer do Teatro, ao longo do dia de ontem. O propósito era debruçar o pensamento sobre esta questão que, apesar de não ser emergente, é, segundo Ana Braga, transversal a todas as sociedades, e impõe um profundo exercício de reflexão cujo grande objetivo passa por destruir mitos relacionados com o acesso à cultura e aos espaços culturais, promovendo uma mudança da mentalidade que ainda vai persistindo nalguns segmentos deste setor e, consequentemente, implementar boas práticas no trilhar desse caminho.

“É importante que tenhamos consciência das barreiras que estão a impedir que as pessoas venham até nós, e pensarmos que, se calhar, não se trata só daquele degrau no edifício ou de outros condicionalismos eminentemente

práticos. Trata-se também, e sobretudo, de barreiras intelectuais e sociais que privam diversos públicos de usufruir da oferta cultural existente”, explicou ao JM Ana Braga, sublinhando que as barreiras físicas, sendo as primeiras e, muitas vezes, as mais visíveis, não são, todavia, as mais difíceis de transpor. De acordo com a especialista, os obstáculos de ordem social e intelectual são sempre os mais complexos e, por isso, os que carecem de maior reflexão e empenhamento por parte dos agentes culturais.

“As principais barreiras são as sociais: o desconhecimento sobre a oferta cultural disponível e sobre o impacto que esta pode ter na vida de cada um. Depois, há as barreiras intelectuais, algumas delas criadas pela própria comunicação cultural, muitas vezes envolta em códigos não acessíveis a todos. As instituições culturais devem e podem trabalhar todas estas barreiras.” Há estratégias/formulas definidas? - questionámos. “A melhor forma de desmontar mitos e derrubar barreiras é mostrando às pessoas os benefícios do acesso à cultura. E isso passa, também, por mostrar-lhes que



A melhor forma de desmontar mitos e derrubar barreiras é mostrando às pessoas os benefícios do acesso à cultura. E isso passa, também, por mostrar-lhes que dentro das instituições culturais trabalham pessoas, gente de carne e osso, com as suas angústias.”

dentro das instituições culturais, por mais imponente que seja a sua estrutura física, trabalham pessoas, gente de carne e osso, com as suas angústias”, vincou.

Ana Braga considera que, apesar de haver ainda muito terreno por desbravar, os agentes culturais estão altamente envolvidos neste processo e têm dados passos largos em prol de uma cultura inclusiva. A prová-lo estão os próprios públicos, que emergem tão diversos quanto ávidos dos mais variados produtos culturais. “Começamos a ver um público cada vez mais diverso a frequentar vários espaços culturais, e isso resulta desta postura assumida pelas próprias instituições, que, hoje, têm bem presente que o acesso à cultura é um direito fundamental. Portanto, estamos a caminhar no bom sentido”, observou, apontando o Teatro Baltazar Dias como exemplar no que respeita às boas práticas culturais em Portugal. “Há várias instituições que estão a fazer um excelente trabalho, e uma delas é o Teatro Baltazar Dias, que faz com que o público se sinta, aqui, sempre tão bem recebido”, referiu.

Para o debate no Funchal, Ana

Braga trouxe estas e muitas outras questões, que mereceram a atenção da plateia, maioritariamente constituída por figuras ligadas ao setor cultural da Região. Temas como o conceito de participação cultural, o perfil dos profissionais da cultura, a criação de novos públicos (afastamento/aproximação) e, claro, a promoção ativa da acessibilidade cultural assumiram o protagonismo na comunicação proferida por Ana Braga.

SOBRE A ASSOCIAÇÃO ACESSO CULTURA

O principal interlocutor desta Associação sem fins lucrativos são os profissionais do setor cultural. O seu campo de atuação abrange, entre outras atividades, a promoção do acesso físico, cultural e social à oferta cultural disponível no País, através da organização de debates, da formação, da organização de concursos e ainda de serviços de consultoria.

Todos os anos, em junho, realiza a Semana Acesso Cultura. “a semana em que nos celebramos, de ‘Portas Abertas’”, conforme referiu ao JM Ana Braga.

A Acesso Cultura tem, ainda, instituídos os Prémios Acesso Cultura e Linguagem Simples. JM